

# O que acontece quando nada acontece: Estudo longitudinal comparativo de um programa de promoção de saúde mental e relações nos Anos Finais do Ensino Fundamental

Msc Luccas Tonon Zanelatto

Simão

Pesquisador do LEPES-USP

Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

[lucas.simao@alumni.usp.br](mailto:lucas.simao@alumni.usp.br)

Dra. Mayra Antonelli Ponti

Pesquisadora do LEPES-USP

e professora do Centro Universitário Barão de Mauá

Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

[antonelli.may@alumni.usp.br](mailto:antonelli.may@alumni.usp.br)

Julia Elena Córdoba Vieira

Pesquisadora do LEPES-USP e mestranda de psicologia da FFCLRP

Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

[jecvieira@fearp.usp.br](mailto:jecvieira@fearp.usp.br)

Jéssica Rodrigues Brito

Pesquisadora do LEPES-USP

Sobral, Ceará, Brasil

[jbriito@gmail.com](mailto:jbriito@gmail.com)

Julia Teodoro da Silva

Pesquisadora do LEPES-USP e mestranda de psicologia da FFCLRP-USP

Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

[julia\\_teodoro.s@usp.br](mailto:julia_teodoro.s@usp.br)

## Resumo

Este estudo mostra os resultados de um estudo longitudinal comparativo, ocorrido com adolescentes do sexto e sétimo ano, no âmbito do programa Eu Posso Te Ouvir, intersetorial, baseado na escola e focado na promoção de saúde mental. Utilizou-se metodologias de comparação para entender como é o cenário da saúde mental e relações dos adolescentes quando nenhuma ou quase nenhuma ação de cuidado é disponível. Os resultados mostram piora nos sintomas de sofrimento mental, na violência escolar, na exposição às drogas e no uso indevido da internet, e esse comportamento é condizente com outros dados sobre o tema.

Palavras-chave: Saúde Mental na escola; Intersetorialidade; Estudo de caso comparativo.

## **1 Introdução**

Questões relacionadas com a piora na saúde mental e relações de jovens são temas cada vez mais comuns no debate público, seja fruto de estudos como os de Blanchflower et al., (2024), que constata a deterioração da saúde mental dos jovens, tanto em termos absolutos quanto relativos, em comparação com os idosos; seja na cultura, com seriados televisivos como “Adolescência” (Thorne & Graham, 2025).

Com o contexto de piora dos jovens, é direta a associação de qual é o papel da escola diante desses dilemas: É papel da escola cuidar? Como fazer esse cuidado? Até que ponto a escola consegue lidar com essa emergência de maneira isolada? Todas são questões importantes e sem respostas triviais. A revisão sistemática com meta análise de Grande et al. (2023) sobre a eficácia de intervenções escolares para problemas de saúde mental em crianças e adolescentes para países de baixa e média renda teve conclusões diferentes para diferentes problemas de saúde mental, todavia concorda que as intervenções realizadas no ambiente escolar são eficazes na redução de tais problemas entre crianças e adolescentes. Apesar do estudo analisar um número alto de intervenções, nenhuma delas apresentava uma estratégia intersetorial de corresponsabilização.

O programa Eu Posso te Ouvir (EPTO) endereça os problemas relatados sob uma perspectiva de promoção de saúde mental no ambiente escolar via intersetorialidade. O programa é implementado, desde 2022, pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação e Economia Social da Universidade de São Paulo (LEPES-USP) em municípios do Nordeste e Sudeste do Brasil, e é focado nos adolescentes dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Em 2023 e 2024, o LEPES conduziu, com apoio da B3 Social, um estudo longitudinal comparativo como parte da avaliação de implementação do programa. O objetivo foi entender como as variáveis relevantes para o programa, conforme sua Teoria da Mudança (TdM), se comportavam.

## **2 Objetivos**

O objetivo principal foi verificar os mecanismos expostos na TdM do programa que, ao final, resultaria em “Melhora na Saúde Mental” e “Melhora nas Relações” dos adolescentes. A pergunta principal da avaliação é se existem evidências que apontem para a melhora nos indicadores de saúde mental a partir da comparação com escolas que não passaram pelo

programa. A avaliação da implementação indicou que o EPTO não foi implementado pelos agentes dentro da escola, impedindo que se avalie os efeitos, todavia, coletou-se um *follow-up* com a linha de base para entender como é o cenário da saúde mental dos adolescentes quando nenhuma ou quase nenhuma ação de cuidado é disponível. Objetivou-se, portanto, responder o que acontece com as variáveis de saúde mental de um ano para o outro.

## Metodologia

Para o estudo longitudinal comparativo, utilizou-se dados quantitativos coletados via questionário aplicados em dois momentos: antes da implementação da intervenção, em junho de 2023, e depois de um período da intervenção, em novembro de 2024. O público foi os estudantes do sexto ano das mesmas quatro escolas (duas municipais e duas estaduais) de 2023, com os mesmos estudantes, que estavam em 2024 no sétimo ano.

Para comparar as mudanças nas variáveis pretendidas pela TdM do EPTO, adotou-se um método de análise que comparou as escolas inscritas no programa e aquelas não inscritas. Trata-se de uma comparação correlacional de cada variável, todavia, uma comparação que se pretende mais abrangente por comparar as escolas que participaram das que não participaram.

Também foi utilizado o conceito de Mínimo Efeito Detectável e poder estatístico. O poder do teste é importante para se calcular o Mínimo Efeito Detectável (MDE - “*minimum detectable effect*”), que é para um poder  $k$ , com significância  $\alpha$ , tamanho de amostra  $N$ , e proporção de tratados  $P$ , um desvio padrão  $\sigma$ , dado por  $MDE = (t_{1-k} - t_{\alpha}) * \sqrt{\frac{1}{P(1-P)}} * \sqrt{\frac{\sigma^2}{N}}$ . Escolhido um nível de significância de 5%, um poder do teste de 80%, com 52% da amostra sendo de pessoas tratadas, sendo a amostra de 222 pessoas, o MDE é 0,376 desvios padrão para o instrumento utilizado, resultando em um MDE de  $0,376 \sigma$ .

Optou-se como indicadores das variáveis de resultados da TdM, para “Saúde Mental”: *Patient Health Questionnaire-9* (PHQ-9), instrumento usado para sintomas de depressão em populações clínicas e não clínicas (Kroenke, Spitzer & Williams, 2001); o *Generalized Anxiety Disorder* (GAD-7), um instrumento usado para identificar indivíduos que apresentam sintomas de ansiedade (Kroenke et al., 2007), e; uma pergunta sobre a frequência de autolesão dos adolescentes nos últimos seis meses. Para “Relações”, utilizou-se Sensação de Pertencimento, um conjunto de perguntas de autorrelato, desenvolvido pelo LEPES inspirados nos itens do PISA, que busca compreender o sentimento de pertencimento do estudante à escola. Ainda

foram coletadas variáveis socioeconômicas, de práticas parentais, violência escolar, uso de internet e uso de drogas.

### 3 Resultados e Discussão

Convencionou-se utilizar os resultados em desvios padrão do grupo que não participou do programa, e utilizou-se a sigla “dp”. Comparativamente, os grupos participantes e não participantes pioraram nos sintomas de depressão, ansiedade, em frequência de violência escolar, qualidade das práticas parentais e exposição às drogas. Sobre sintomas de depressão, a piora é maior nas escolas que participaram do programa (piora de 61,2% dp) do que nas que não participaram (piora de 36,9% dp); em ansiedade, a piora é maior no grupo que participa (piora de 40,7% dp) em relação ao que não participa (piora de 39,8% dp); sobre autolesão, a piora só é significativa nas escolas que participam do programa (piora de 41,7%); na violência escolar, a piora é maior nas escolas participantes (piora de 72,2% dp) em comparação com as escolas do grupo não participante (piora de 30,8% dp); nas práticas parentais, a piora é maior nas escolas do grupo não participante (piora de 37,8% dp) em relação ao grupo participante (piora de 33,9% dp) e; na exposição às drogas, a piora é maior do grupo participante (piora de 75,2% dp) do que no grupo não participante (piora de 62,1% dp).

Tabela 1: Estatísticas descritivas das amostras tratada e controle

Variável	Participaram do programa (n=116)		Não Participaram do programa (n=106)	
	Variação	p-valor	Variação	p-valor
<b>PHQ-9</b>	61,2%	***	36,9%	**
<b>GAD-7</b>	40,7%	**	39,8%	**
<b>Autolesão</b>	41,7%	**	18,6%	-
<b>Sensação de Pertencimento</b>	16,3%	-	-2,8%	-
<b>Tempo de internet</b>	25,5%	*	14,5%	-
<b>Interação c/ internet</b>	23,4%	-	31,8%	*

<b>Violência dentro da escola</b>	72,2%	***	30,8%	*
<b>Práticas Parentais</b>	-33,9%	**	-37,8%	**
<b>Conversam sobre violência</b>	9%	-	-19,6%	*
<b>Uso de drogas</b>	53,5%	*	23,6%	-
<b>Exposição às drogas</b>	75,2%	***	62,1%	***

Notas: \*p<0,1; \*\* p< 0,05; \*\*\* p< 0,01

Olhando os dados de maneira conjunta, ainda que alguns não atinjam o MDE, e isso deve-se ser considerado, as escolas de ambos os grupos possuem um comportamento semelhante: piora na Saúde Mental, na violência escolar, na exposição às drogas e no uso indevido da internet. Esses movimentos não são novidade em relação à Saúde Mental (Simão, 2024; Grande et al., 2021), mas no caso particular deste estudo, parecem estar mostrando um cenário mais amplo: variáveis estruturais da sociedade, como violência dentro da escola e práticas parentais, estão calcadas em comportamentos deletérios e mais complexos de mudar. Outros estudos conduzidos pelo LEPES para uma amostra longitudinal dos Anos Finais indicam uma piora de 49,8% de desvio padrão no Bem Estar, e isso representa um número 34,7 pontos percentuais a mais de piora da amostra que passa pela pandemia da COVID-19 em relação à amostra que não passa.

## 4 Conclusões

Conclui-se que apesar de algumas escolas analisadas participarem do EPTO, esses estudantes não tiveram acesso aos cuidados que necessitavam. Hipóteses para serem exploradas futuramente são acerca da maior vulnerabilidade das trajetórias das escolas que participaram, devido à localização e composição mais vulnerável dos estudantes. Os dados apontam a necessidade de programas como o EPTO diante do contexto de agravamento dos indicadores de saúde mental, do enfraquecimento do suporte institucional e comunitário, do aumento da violência e do uso problemático da internet.

Há, no entanto, uma questão estrutural e silenciosa: com frequência, medimos o que conseguimos operacionalizar, e não o que de fato importa. Indicadores como depressão,

ansiedade, autolesão ou violência escolar, mesmo sendo altamente significativos, acabam sendo tratados como dados periféricos — ou, pior, como problemas individuais, desvinculados do contexto institucional e social.

Ainda mais profundamente: a escola não está preparada para lidar com o cenário descrito, e não existem políticas públicas nacionais dedicadas a esse enfrentamento. O aparente trade-off entre atividades de cuidado e de aprendizado parece estar, paradoxalmente, comprometendo ambos. Ou a sociedade encara, endereça e organiza uma mudança na lógica do cuidado — reconhecendo a função social da escola e seu papel transformador — ou continuará propiciando um ambiente que perpetua e agrava os problemas enfrentados pelos estudantes. A escola não é neutra na vida de ninguém. Se ela não ajuda, está inevitavelmente produzindo o oposto.

## 5 Referências

**BLANCHFLOWER, David G.; BRYSON, Alex; XU, Xiaowei.** *The Declining Mental Health Of The Young And The Global Disappearance Of The Hump Shape In Age In Unhappiness*. Cambridge, MA: National Bureau of Economic Research (NBER), 2024. (Working Paper, n. 32337). DOI: [10.3386/w32337](https://doi.org/10.3386/w32337). Acesso em: 01 de março de 2025.

**KROENKE, K.; SPITZER, R. L.; WILLIAMS, J. B.** The PHQ-9: validity of a brief depression severity measure. *Journal of General Internal Medicine*, [S. l.], v. 16, n. 9, p. 606-613, set. 2001. DOI: [10.1046/j.1525-1497.2001.016009606.x](https://doi.org/10.1046/j.1525-1497.2001.016009606.x). Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1495268/>. Acesso em: 01 de março de 2025.

**KROENKE, K.; SPITZER, R. L.; WILLIAMS, J. B.; MONAHAN, P. O.; LÖWE, B.** Anxiety disorders in primary care: prevalence, impairment, comorbidity, and detection. *Annals of Internal Medicine*, [S. l.], v. 146, n. 5, p. 317-325, 6 mar. 2007. DOI: [10.7326/0003-4819-146-5-200703060-00004](https://doi.org/10.7326/0003-4819-146-5-200703060-00004). Acesso em: 01 de março de 2025.

**THORNE, J.; GRAHAM, S.** *Adolescência*. Inglaterra: Netflix, 2025.

**SIMÃO, L. T. Z.** Aborrescência ou Entristecência: Determinantes da Resiliência Emocional dos Adolescentes dos Anos Finais e o Impacto da Pandemia da COVID-19. 2024. 63 f. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2024.